



Uma heroína no inferno

Os campos da morte lhe haviam tirado o marido e o filho, mas não a vontade de salvar aquelas crianças

Por LAWRENCE ELLIOTT

O bando de crianças maltrapilhas tremia ao vento frio numa área aberta do campo de concentração de Bergen-Belsen. Era a primeira semana de dezembro de 1944. Aquelas poucas crianças judias da Holanda que conseguiram



sobreviver a quatro anos e meio de guerra e muitos meses de confinamento agora se encontravam desesperadamente sós.

Tinham visto, em silêncio, os pais e irmãos mais velhos serem levados dali em um comboio de caminhões dos nazistas. Ninguém dissera para onde iam, mas alguns ouviram murmurarem os nomes dos campos da morte: Auschwitz, Treblinka, Chelmno.

DEPOIS QUE OS homens desapareceram, os caminhões vieram buscar as mães e irmãs mais velhas. Após estas serem levadas, as crianças foram conduzidas para o alojamento das mulheres, onde tiveram ordem de descer dos caminhões. Quando estes partiram, Gerard

Lakmaker, 11 anos, descobriu que seus modestos pertences, embrulhados em uma coberta amarela, tinham desaparecido.

Agora, amontoados naquele vazio negro, as crianças mais velhas tentavam consolar os bebês que choravam.

PERTO DALI, num outro barracão, Luba Gercak acordou a vizinha.

– Está ouvindo esse choro?

– Não é nada – foi a resposta. – Você está tendo pesadelos de novo.

Luba apertou os olhos, procurando afastar recordações terríveis.

Ela se criara num *shtetl*, comunidade judaica na Polônia. Ainda adolescente, casara-se com o marceneiro Hersch Gercak e foram abençoados com um filho, Isaac. Pretendiam ter mais filhos e uma vida tranqüila. No entanto, veio a guerra e foram tragados por sua corrente assassina. Os nazistas colocaram em carroças o que pareceu ser toda a população judaica da região, para a viagem de pesadelo a Auschwitz-Birkenau, o campo de concentração mais mortífero do sistema alemão.

Ao entrar pelos portões, Luba apertou bem Isaac ao colo, porém minutos depois os guardas da SS lhe arrancaram o menino de 3 anos. Os gritos do filho ressoavam em seus ouvidos – “Mamãe! Mamãe!” – enquanto o jogavam num caminhão com outros, jovens ou velhos demais para trabalhar. Logo o veículo partiu para a câmara de gás. Seguiram-se dias negros, turvos, e depois che-

gou o momento em que Luba viu um caminhão arrastando o corpo sem vida do marido. Ela não queria mais viver.

Entretanto, a força interior não permitiu que Luba desistisse da vida. Talvez Deus tivesse algum propósito para ela. De cabeça rapada e com o número 32967 tatuado no braço, conseguiu trabalho no “hospital” de Auschwitz, prédio onde se deixavam os doentes morrer.

Passaram-se dias intermináveis e noites cheias de fantasmas. Luba aprendeu alemão e ficou de ouvidos abertos. Um dia, soube que estavam mandando enfermeiras para um campo na Alemanha e apresentou-se como voluntária. Em dezembro de 1944 foi enviada para Bergen-Belsen. Nesse campo não havia câmaras de gás, mas a desnutrição, doenças e execuções sumárias o tornavam terrível e eficiente centro de extermínio.

Com as forças aliadas fechando o cerco e a ordem desmoronando, as condições já péssimas haviam piorado. Veículos chegavam trazendo mais e mais almas famintas a serem apinhadas nos barracões infestados de insetos – e construídos com material inferior pelos soldados alemães.

EM SONO AGITADO, Luba tornou a ouvir choro de criança. Dessa vez correu para a porta e parou, pasma, ao ver crianças apavoradas, tremendo de frio. Luba fez sinal para que se aproximassem.

– O que aconteceu? – murmurou.
– Quem os deixou aqui?

Em alemão vacilante, Jack Rodri, um garoto mais velho, explicou que guardas da SS os tinham levado para lá sem lhes dizer aonde iam. Hetty Werkendam, 14 anos, era a mais velha das 54 crianças. Carregava Stella Degen, 2 anos e meio. Outros eram ainda mais novos. Segurando a mão de Jack, Luba fez um gesto pedindo que os demais a acompanhassem.

Algumas mulheres tentaram impedi-la de levar as crianças para o alojamento. Sabiam que pouco bastaria para provocar os guardas da SS.

Luba, porém, sentia-se compelida – certa de que aquilo estava predestinado. Envergonhou as mulheres perguntando:

– Se fossem seus filhos, diriam que eu os expulsasse? Escutem bem: são filhos de alguém.

E fez entrar o bando maltrapilho.

DE MANHÃ Jack Rodri contou a Luba a sua história. A princípio, tinham sido poupados das atrocidades nazistas porque os pais constituíam a espinha dorsal da indústria de diamantes de Amsterdã e os alemães precisavam de sua habilidade na lapidação das gemas. Mas por fim prevaleceram os fanáticos da hierarquia nazista.

Os lapidadores e suas famílias foram mandados a Bergen-Belsen. Lá, os pais acabaram sendo separados dos filhos, que foram abandonados onde Luba os encontrara.

O coração de Luba agradeceu a Deus por lhe ter enviado as crianças.

Ele lhe dera novo sentido à vida. O filho fora assassinado, mas salvaria essas crianças daquele destino.

Sabendo que não conseguiria esconder dezenas de crianças, contou o ocorrido a um oficial da SS no acampamento.

– Permita que eu cuide delas – disse, pondo a mão no braço dele. – Não serão problema. Prometo.

– Você é enfermeira, que quer com essa gentilha judia? – retrucou ele.

– Também sou mãe – respondeu. – Perdi meu filho em Auschwitz.

Ouvindo aquilo, o oficial da SS, de repente, deu-se conta de que ela ainda estava com a mão em seu braço. Os prisioneiros não podiam tocar nos alemães. Então, deu-lhe um soco no rosto, derrubando-a.

Luba levantou-se, o lábio sangrando. Mas não recuou.

– Você tem idade para ser avô – declarou. – Por que há de querer maltratar crianças inocentes, bebês? Todas morrerão se não tiverem quem cuide delas!

Talvez ele tenha ficado comovido. Ou talvez apenas não quisesse decidir o que fazer com todas aquelas crianças.

– Fique com elas – resmungou. – Para o inferno com elas!

Luba, porém, não terminara.

– Elas precisam comer. Deixe-me arranjar pão.

O oficial deu-lhe autorização para obter dois pães. No entanto, quando ela foi ao depósito, três garotos a acompanharam. Segurando os pães

permitidos, Luba sorriu ao encarregado – enquanto os garotos roubavam mais alguns.

A alimentação tornou-se o objetivo de cada dia, preocupação sem fim. A ração estipulada – uma fatia de pão preto e meia tigela de sopa rala – mal evitava a inanição. Assim, todas as manhãs Luba saía em peregrinação – ao depósito, à cozinha, à padaria –, implorando, barganhando e roubando alimentos. As crianças se apinhavam na porta quando a avistavam a distância.

– Lá vem ela! E está trazendo comida *pra* nós!

Elas a chamavam Irmã Luba e gostavam dela como das próprias mães. Era Luba quem lutava pelo essencial e cantava cantigas de ninar nas noites longas e escuras.

As crianças que falavam holandes não entendiam as palavras de Luba, mas compreendiam seu amor. Diante de todos os horrores nazistas, Luba manteve vivos “seus filhos”.

PASSARAM-SE semanas e meses. Os prisioneiros de Bergen-Belsen sabiam que os aliados se aproximavam. E, enquanto o terrível inverno avançava lentamente para a primavera de 1945, os alemães tentavam livrar-se dos cadáveres que enchiam o campo. Mas era uma luta vã. A disenteria alastrava-se, deixando as crianças desidratadas, fracas, exaustas e vulneráveis à febre e às violentas dores de cabeça do tifo.

Num alojamento próximo, outra criança de Amsterdã – Anne Frank – sucumbiu. No barracão de Luba várias crianças adoeceram. A enfermeira ia de criança em criança, alimentando as que podiam comer, encostando os lábios em suas testas para avaliar a temperatura e distribuindo preciosas aspirinas às mais doentes. Rezava por um milagre que as salvasse.

Isso aconteceu no domingo, 15 de abril de 1945, quando tanques britânicos entraram em Bergen-Belsen. Em meia dúzia de idiomas, os alto-falantes rugiam: “Estão livres! Estão livres!”

Os aliados levaram remédios e médicos, mas para muitos era tarde. Havia milhares de corpos insepultos; dos outros 60 mil prisioneiros, quase a quarta parte morreu após a libertação.

No entanto, 52 das crianças de Luba – todas menos duas do grupo que encontrara 18 semanas antes – estavam vivas. Quando tiveram forças para suportar a viagem, um avião militar britânico levou-as para casa. Luba também estava a bordo, cuidando delas. Mais tarde um fun-

cionário holandês escreveu: “Foi graças a ela que essas crianças sobreviveram. Como holandeses, nós lhe devemos muito pelo que fez.”

Providenciou-se um abrigo temporário para as crianças, enquanto esperavam para juntar-se às mães, cuja maioria havia sobrevivido. A



Meio Século Depois– Luba (à frente) rodeada por seus ‘filhos’.

pedido da Cruz Vermelha Internacional, Luba acompanhou 40 crianças órfãs de guerra de muitos outros campos para a Suécia, onde iniciariam nova vida. Luba também recomeçou a vida. Na Suécia conheceu Sol Frederick, outro sobrevivente do Holocausto. Casaram-se e mudaram-se para os Estados Unidos, onde tiveram dois filhos. Mas Luba nunca se esqueceu dos outros.

Quase todos os “filhos” de Luba prosperaram. Jack Rodri foi para Los Angeles, onde se tornou homem de negócios bem-sucedido. Hetty Werkendam foi trabalhar no mercado imobiliário na Austrália e acabou eleita a imigrante de maior sucesso no país. Gerard Lakmaker prosperou como industrial.

Stella Degen-Fertig não se lembrava de Bergen-Belsen. Mas, enquanto crescia, a mãe lhe contou quanto devia a Luba. Stella se perguntava onde estaria sua protetora.

Outros resolveram procurar Luba. Jack Rodri conseguiu apresentar-se na TV para contar a história de Luba.

– Se alguém souber onde ela está, por favor, ligue para esta emissora – pediu Jack.

– Eu sei – disse uma pessoa, ligando de Washington. – Ela mora aqui na cidade.

Jack telefonou para Luba. Em uma semana ele estava no apartamento dela, abraçando-a. Ambos choraram sem acanhamento.

Pouco depois, Gerard Lakmaker, morador de Londres, começou a organizar uma homenagem a Luba. As pessoas que já estavam em contato começaram a busca pelas outras.

Em uma bela tarde de abril de 1995, 50 anos após a libertação, cerca de 30 homens e mulheres – a maioria dos quais não se via desde criança – reuniram-se na prefeitura de Amsterdã para homenagear Luba.

Em nome da rainha Beatriz, o vice-prefeito entregou a Luba a Medalha de Prata por Serviços Humanitários. Ela não sabia que tantos jornalistas estariam presentes à reunião, nem que o vice-prefeito discursaria.

Depois da cerimônia Stella Degen-Fertig se aproximou.

– Pensei em você a vida toda – disse Stella, esforçando-se para falar com firmeza. – Mamãe sempre dizia que ela me tinha dado à luz, mas que eu devia minha vida a uma pessoa chamada Luba. Dizia que eu nunca me esquecesse disso.

Chorando, abraçou Luba e murmurou:

– E nunca esquecerei.

Luba agarrou-se a Stella e contemplou os outros com olhos embaçados, pois esta era a verdadeira recompensa: estar com “seus filhos”, conhecer de novo o amor que os salvara – e a ela – da sombra dos campos da morte.

EM CASA DE FERREIRO...



Certo dia, quando eu estava esperando o ônibus, um carro passou e, um instante depois, uma das portas despencou. O motorista parou, saltou do carro, apanhou a porta e tentou recolocá-la. Na lateral do carro estava escrito: “Primeira Categoria em Manutenção de Veículos”.

–YON-AH OH, *Coreia*

Quem disse que o amor é cego está redondamente enganado. O amor é a única coisa que permite nos vermos uns aos outros com a mais leve precisão.

—MARTHA BECK, *Expecting Adam* (Times Books)

As pessoas são bastante parecidas. O caso é que nossas diferenças são mais suscetíveis de definição do que nossas semelhanças.

—LINDA ELLERBEE em *New Choices*

Talento é o dom mais a paixão — um desejo de vencer tão intenso que nenhuma força no mundo consegue detê-lo.

—NEIL SIMON

Se você sorri quando não há ninguém por perto, é que está sendo sincero.

—ANDY ROONEY, *Tribune Media Services*

Dinheiro é algo singular. Equipara-se ao amor como a maior fonte de prazer do homem. E à morte como sua maior fonte de ansiedade.

—JOHN KENNETH GALBRAITH,
The age of uncertainty (Houghton Mifflin)

**Jamais confunda
movimento
com ação.**

—ERNEST HEMINGWAY

*Defeitos
não fazem mal,
quando há
vontade e poder de
os corrigir.*

—MACHADO DE ASSIS

Não há maior prova de ignorância do que acreditar que o inexplicável é impossível.

—S. BILARD

Você não pode ser valente se apenas lhe acontece o que é maravilhoso.

—MARY TYLER MOORE,
citada por BARBARA GRIZZUTI HARRISON
em *McCall's*

Nunca chegamos realmente a crescer, só aprendemos a nos comportar em público.

—BRYAN WHITE

É preciso grande sabedoria só para perceber a extensão da própria ignorância.

—THOMAS SOWELL,
Creators Syndicate